



A essência do afeto

Com seu traço delicado,
Lúcia Hiratsuka desenha
a infância – esse tempo de
espanto e brincadeira

Maria Fernanda Rodrigues

Até entrar na escola, aos 7 anos, Lúcia Hiratsuka só falava japonês. Tudo o que ela sabia do mundo tinha como ponto de partida o país que os avós deixaram em 1925 em busca de uma situação melhor, e para onde imaginavam voltar um pouco depois, já mais ricos. Mas a vida foi encontrando seu lugar no interior de São Paulo, em meio a cafezais, bichos-da-seda e caquis, e a família foi crescendo.

Uma das principais ilustradoras brasileiras, dona de um delicado traço, Lúcia nasceu no sítio Asahi, em Duartina, em 1960, e cresceu ouvindo as histórias da avó, vendo a caprichada caligrafia do avô e lendo os livros – todos muito ilustrados – que chegavam do Japão para a família. Ali, antes mesmo de entrar na escola rural, distante quatro quilômetros de casa, caminho que ela percorria a pé, a menina já sabia o que queria fazer: estudar desenho no Japão, se não encontrasse um professor por aqui.

Aos 10, ela e os irmãos que já estavam em idade escolar se mu-

daram com os avós para Duartina. Aos 15, veio para São Paulo porque uma tia disse que na Capital ela encontraria tudo. Fez o então colegial – ainda pensando em desenhar. Antes de entrar na faculdade de Belas Artes, essa mesma tia descobriu uma escola de desenho de moda. Ela, que já sabia costurar, arrumou o primeiro emprego numa loja de tecidos da Rua 25 de Março, onde criava modelos para os clientes. Tinha 17. A faculdade, ela pagou com a ajuda de um emprego no Banco do Brasil. E, ali, durante o curso, se depa-
♦ parou com a primeira frustração: ela queria, sim, desenhar, mas descobriu que queria, sobretudo, contar histórias.

♦ Isso tudo Lúcia vai lembrando num início de tarde no fundo da NoveSete, uma simpática livraria especializada em literatura infantil e juvenil na Vila Mariana. Ela tem em mãos o boneco de seu novo livro, uma versão ainda quase artesanal de *Chão de Peixes*, que chega às prateleiras na próxima semana pela Pequena

Zahar e nos remete ao tempo de brincadeiras no quintal, de fruta colhida do pé e muita história. Um tempo de coisas simples.

Para ilustrá-lo, ela escolheu a técnica japonesa sumiê. Na verdade, o livro nasceu como uma homenagem ao mestre Massao Okinaka, que lhe ensinou que esta arte é movimento, é a captura do essencial – do que sentimos como essencial. É simplicidade e sentimento. “Ele falava que nenhuma pincelada pode ser sem sentimento. Mas, para esse sentimento aparecer, você não pode titubear”, conta a ilustradora que, volta e meia, visita sua infância para criar histórias.

Em *Chão de Peixes*, encontramos o quintal de Lúcia, ou melhor, o quintal de sua memória. Coelhos, formiguinhas, galinhas ciscando, uma libélula, grilos, vaga-lumes, a vaca num “eterno domingo”, a fogueira na

qual assavam batata-doce. Tudo registrado com delicadeza por imagens, brancos e textos – um poema, uma frase, às vezes um haikai. Antes de entrarmos em seu universo, a dedicatória da autora: “Para você encontrar a vagareza de um caracol, a simplicidade dos capins e a liberdade dos peixes”. Dali, somos levados ao poema *Quintal*: “Na lua do meu quintal, tinha dois coelhos/ Que faziam bolinhos./ E eu/ esperando.../ Mas lá do alto/ Só vinha a chuva. / Será que os bolinhos eram de chuva?”. E o passeio segue em cada detalhe.

O peixe do título vem, possivelmente, do início de tudo. Reza a lenda que, certa vez, sua avó desenhou um peixe no chão do sítio e ela ficou encantada.

Lúcia começou sua carreira recontando as lendas japonesas que ouvia dessa mesma avó, a Orié que anos atrás foi home-

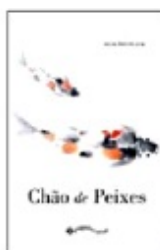
nageada com um belo livro que leva o seu nome e que nos conta sobre a infância dela no Japão. Quando começou a pensar na direção que daria para a sua obra autoral, ela passou os olhos pela livraria e ficou com a impressão de que tudo já havia sido feito. “Entendi que não adiantava eu ficar olhando para fora, que tinha que buscar alguma coisa dentro de mim que me motivasse a contar”, explica.

Foi em sua infância e nas histórias que outras pessoas conta-

vam dos tempos de criança que ela encontrou essa matéria-prima que ela transforma ora em livro para crianças já crescidas, como é o caso de *Os Livros de Sayuri* (SM), que remete a um fato vivido por sua mãe e por tantas famílias de origem japonesa que, vivendo no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, tiveram de enterrar livros, tema da obra, e não podiam falar japonês. Ou para crianças menores. Dois exemplos: o próprio *Orie* (Zahar) e o recente *O Caminhão* (Cortez), que mostra a ansiedade de uma família pela chegada do caminhão que, nos tempos de Lúcia, era uma das poucas opções de lazer e uma alegria quando ele montava seu cinema no sítio.

Lúcia vê algo em comum em sua obra – para além do cenário rural. “Encontramos sempre um personagem em transformação, espantado com alguma coisa ou diante de algum conflito geralmente simples”, explica. No caso de *Sayuri*, a situação é mais complicada: a garota precisa encontrar uma forma de poder estudar em plena guerra.

E por que a infância? O que ela significou para autora? “A infância foi para mim um período de muitas brincadeiras e experiências incríveis, mas também de muita inquietação. Desde essa época, eu fazia perguntas a respeito do sentido da vida, qual seria o meu papel no mundo, quais eram os meus sonhos, por que nasci naquele lugar. E as angústias dos adultos também me afetavam”, responde. E completa: “Hoje percebo que todas as questões da minha infância são as minhas verdadeiras questões. E ela é, para mim, como um mapa. Se eu me perco, busco encontrar o caminho lembrando dos sonhos, dos anseios que povoaram aqueles tempos”.



CHÃO DE PEIXES

Autora: Lúcia

Hiratsuka

Editora:

Pequena Zahar

(48 págs.;

RS 75,15)

ILUSTRAÇÕES LÚCIA HIRATSUKA



MARCELA FERRELL L'ESTAGÃO



Quintal.
Novo livro
resgata os
peixes, as
formigas e
histórias que
povoam sua
memória